

PODCAST VEJA BEM

Transcrição do Podcast Veja Bem, t1e08

Abaixo seguem as legendas utilizadas:

C = Professor Clóvis de Barros

F = Professor Carlos Ferrari

V = vinheta

L = Locução

F: O julgamento com as lentes exclusivas da visão é socialmente reconhecido como a única saída em alguns casos.

C: A chance de você ter uma pena muito maior do que a de um branco, rico e bem posicionado é evidente.

V: Veja Bem, o podcast semanal para pensar a vida com outros olhos. Com os professores Clóvis de Barros Filho e Carlos Ferrari.

F: Se você está ouvindo a gente no dia que esse episódio foi ao ar, é segunda-feira. Primeiro, bom início de semana. Que coisa boa começar a semana com uma conversa agradável, pensando sobre a vida. E hoje eu quero fazer um convite pra você. Aliás, eu não, nós queremos fazer um convite pra vocês. Professor Clóvis, o irmão mais velho do Veja Bem, está desbravando terrenos, abrindo caminho nesse mundo digital, vai buscar o prêmio do IBEST, é isso mesmo, professor?

C: É, uai, tamo aí na disputa, estamos disputando pra entrar entre os top 10 em 4 categorias. Nós temos a categoria melhor podcast, nós temos a categoria educação, onde o Inédita Pamonha se situa, na verdade, e depois nós temos a categoria criadora do ano, e eu, como pessoa física, também fui cotado para competir. Então na verdade o nosso ouvinte, se gostar do nosso trabalho, tem a chance de votar 4 vezes no site do IBEST, que é o principal prêmio aí da internet brasileira, e a gente já pode até antecipar que no IBEST 2022 nós vamos estar competindo com o Veja Bem e com o apoio do nosso querido ouvinte.

F: Pessoal, é muito simples, o site está acessível à comunidade de pessoas cegas, eu testei, dá pra navegar, e chama a família, chame os amigos pra votar, é muito importante que a gente dê visibilidade, reconhecimento para aquilo que a gente gosta. Eu voto no IBEST há bastante tempo, sempre procuro privilegiar, valorizar os conteúdos que eu acompanho na internet, e fiquei bem feliz de esse ano poder votar no Inédita Pamonha, votar no

professor Clóvis que a gente acompanha há bastante tempo. então hoje você tá ouvindo, segunda-feira 31 de maio, é o último dia pra votar, então bora votar!

C: Maravilha! Carlos, o que que a gente tem pra hoje? Que que você nos reserva pra hoje de desafio aqui, alimento para reflexão, Carlos?

F: Hoje nós vamos falar, professor, sobre justiça. E olha que bacana, né, justiça a gente falou lá no episódio sobre a ética embaçada, que a ética era o tema do botequim que tava ganhando temas historicamente discutidos aí pela população, e hoje o papo é sobre justiça. ô professor, antes da gente aprofundar aqui, eu separei... Aliás deu trabalho pra montar o roteiro porque tem tantas inquietações acerca desse tema, mas vamos pegar aqui o que toca muito. A gente fez um episódio só sobre palavras, expressões, e a justiça também é cega, aqui não como adjetivação ruim, mas uma adjetivação histórica que vem lá de Roma. como é que foi essa história de vender os olhos da justiça, como é que começou esse papo, professor?

C: Bom, esse papo começa com a ideia da imparcialidade, não é? E a imparcialidade aí é traduzida ou simbolizada pela venda, pela não visão e, portanto, essa não visão indicaria uma não preferência, implicaria uma imparcialidade entre as partes que estão disputando alguma coisa, estão em contenda, estão em litígio e recorrem a um terceiro elemento legítimo, portanto um terceiro elemento aceito pelas duas partes como autorizado a decidir quem tem razão, e esse terceiro elemento, para não dar preferência a simpatias, pra não escorregar no viés do partidarismo, ele acaba tendo os olhos tapados e com isso ele teria melhores condições de decidir em função do que é verdadeiramente justo e não em função da sua preferência, da sua inclinação, da sua simpatia do momento, de tudo aquilo que caracteriza, digamos, a nossa presença como vivente no mundo.

Eu me atreveria a dizer, Carlos, que, muito embora nesse caso a justiça sendo cega, não é propriamente uma avaliação negativa, em outras palavras, a justiça cega é como se imaginava e se imagina que ela devesse ser mesmo, né, então aí você tem na verdade um atributo que é entendido num primeiro momento como positivo, nós poderíamos dizer que o uso da expressão também é um uso que merece a nossa reflexão crítica. E quando eu digo reflexão crítica eu digo, não é meter o pau, falar mal, é analisar com recuo, analisar com lucidez.

C: Exatamente.

F: Porque veja só, na hora que você sugere que uma coisa cega é uma coisa sem preferências, sem apetites, sem inclinações, sem gostos, portanto, no final das contas você

tira daquilo que é cego tudo aquilo que caracteriza a especificidade de alguém que vive, né. NO final das contas a gente no mundo tem desejos que nos são próprios, a gente tem encantamentos que nos são próprios, a gente tem atrações que nos são próprias, em suma, a gente tem um milhão de afetos que são coisa nossa, especificidade nossa, e na hora de falar do cego você... tudo bem que você deu ao cego a prerrogativa de ser justo, mas para dar ao cego a prerrogativa de ser justo, você tirou do cego quase tudo o que tem a ver com a vida de uma pessoa de carne e osso no mundo, e, de uma certa maneira, talvez, a justiça cega, ela justamente remeta a uma pergunta sobre essa possibilidade, a possibilidade de uma postura imparcial, a possibilidade de uma postura equidistante, a possibilidade de não manifestar suas preferências, mesmo que em níveis muito subterrâneos da psique. Então não cabe a menor dúvida que quando os estudiosos, os pesquisadores estudam as decisões dos magistrados, tudo que eles observam é que essa imparcialidade, não só não acontece quase nunca, como também tá longe de ser sequer procurada, né?

Veja, eu gostaria de citar aqui um trabalho, entre, milhões, do meu amigo Júlio Pompeu, a sua tese de doutorado em psicologia social, onde ele faz um estudo das decisões dos magistrados em direito penal sem júri. As decisões dos magistrados em função de características físicas e de características econômicas e sociais dos supostos criminosos. E ele estabelece uma correlação praticamente matemática entre, digamos, o agravamento da pena e a cor da pele, o agravamento da pena e a posição social ocupada, o agravamento da pena e as condições econômicas para se defender, assim por diante. em outras palavras, fica ali evidente que se você não for o branco, se você não tiver um emprego, se você não tiver condições de pagar por alguém razoável pra te defender, a chance de você ter uma pena muito maior do que a de um branco, rico e bem posicionado é evidente. Eu te devolvo a palavra só pra mostrar, né, que tudo isso, essa coisa da justiça cega, precisa ver se isso aí não foi colocado como uma alegoria daquilo que é, digamos, racionalmente desejável, mas que tá longe do mundo da vida. Precisa ver se não fomos de novo anulados na nossa perspectiva potente de vida com essa cegueira da justiça.

F: Pois é, olha que ... que reflexão. O segundo ponto que eu queria trazer pro papo aqui o professor já trouxe um pouco e isso ajuda muito na conversa, porque, vamos lá: existem algumas construções retóricas que acabam sendo acolhidas quase que por unanimidade, né, pelas pessoas. Não por vezes pela qualidade, mas pela conveniência, pela promessa de resolução das coisas, na totalidade... Então, por exemplo, se você disser:

o Veja Bem, ao propor outros olhares para a vida, elegeu, como o maior de todos, ou melhor de todos, o olhar através dos olhos da justiça. Mas aí você vai dizer: pô, mas a justiça é cega, tem uma venda, como é que faz? Seria impossível? E a gente começa a brincar de novo com as palavras. Na universidade, por exemplo, né, professor, tem lá o blind review, que dizem que assim você estabelece justiça para escolher o trabalho ou o artigo acadêmico, mas, no fim, como o professor disse, por isso eu fiquei feliz porque ele já puxou um pouco aqui o papo, nunca é cega. O artigo vai dialogar e quem escreve pra universidade, quem escreve pra revista científica *Qualis A, B, C*, sabe que vai dialogar com uma banca examinadora que vai ter a linha de pensamento X, Y, então eu vou inverter um pouco aqui o papo e vou tocar a bola pro professor seguir adiante, porque sim, a justiça nos parece então que funciona com os olhos muito bem abertos, e, pior, com um super senso de seletividade. Esse senso de seletividade que por vezes tem rosto, tem cor de pele, tem classe social. Adjetivar a justiça como cega cria um problema porque, como bem disse o professor, coloca a ideia do cego num panteão de seres sem sensações, sem afetações. Agora, a justiça de olhos abertos por vezes, se ela não for cega, pode gerar problemas seríssimos, né, professor, porque acaba tendo um olhar muito particular e muito perigoso, por vezes.

C: Eu penso, Carlos, que, no final das contas, toda sociedade precisa compartilhar algumas crenças. E uma das crenças que toda sociedade precisa compartilhar pra sobreviver como sociedade é a possibilidade de se fazer justiça a partir de instituições destinadas a isso, legitimadas para isso, e curiosamente fazer justiça acabou sendo muito vinculada e associada à ideia de que é preciso matar as preferências, porque a inteligência, digamos mais nobre, mais pura, a busca do argumento mais verdadeiro, implicaria a anulação, virar as costas para as forças vitais, para os apetites, as atrações, os rechaços, os nojos, as idiossincrasias, etc etc etc. Pois muito bem, então a gente retoma a velha ideia, quer dizer, no final das contas, se para fazer justiça é preciso abrir mão de tudo aquilo que é o mundo da vida, de tudo aquilo que são as relações do nosso corpo com o mundo, então talvez tenhamos que aceitar de pronto que essa pretensão de chegar à justiça é uma pretensão inadequada, pelo menos não essa justiça, porque ela implica abrir mão de... daquilo que não podemos abrir mão. É essa um pouco a ideia, quer dizer, no final das contas, são muitos aqueles pensadores que colocaram a razão de um lado e as emoções do outro lado, como se fossem contendores num ringue, né. Outros fizeram das emoções o próprio capeta né, alguma coisa que nos atrapalha, nos obstrui, nos empobrece, nos

apequena e assim por diante. Mas, de uma certa maneira, muitos se filiaram na ideia de que todo o tipo de reflexão, todo tipo de ponderação, todo tipo de produção da inteligência é indissociável das sensações, das emoções. Existe, portanto, um paralelismo entre o que sentimos e o que pensamos. Então a justiça cega ela remete a essa possibilidade de você poder pensar sem sentir, como se fosse um robô, um robô programado para buscar o argumento verdadeiro, sem sensações.

O problema é que, no nosso caso, o pensamento e as sensações eles estão imbricados, eles estão irmanados, eles estão juntos, e, portanto, a ideia da cegueira implica... A ideia de fazer justiça com parcialidade negando os afetos através do símbolo da cegueira é, de uma certa maneira, uma apologia da morte, da morte do vivente que é sensação, que é a feto, que é pulsão, que é libido, que é tesão de viver e assim por diante. Por isso eu não tenho certeza que o atributo da cegueira para a justiça, embora num primeiro momento possa ser entendido como muito positivo, eu não tenho certeza que, fazendo um exame um pouquinho mais aprofundado, eu não tenho certeza que novamente, essa nomenclatura seja adequada ou laudatória para nós deficientes visuais, muito pelo contrário. De uma certa maneira, não é porque nós não enxergamos, que não temos sensações, apetites, inclinações, desejos, e não é por isso que não temos a nossa parcialidade diante do mundo. De fato, o que nos falta é um elemento da parcialidade que é a perspectiva visual. Essa nos falta, mas todos os outros instrumentos que nós temos para dialogar com o mundo, eles são contextualizados, eles são parciais, eles são inclinados, eles não têm nada de universal, eles são nossos, eles são particularmente nossos. Aquilo que a gente sente quando descasca uma mexerica e pega o pomo e coloca o gomo na boca, enxergando ou não enxergando, é uma sensação que é nossa, que é só nossa, produzida pelo nosso corpo. então, chamar de cego a uma justiça imparcial que paira sobre o mundo da vida, que navega pelas nuvens sobre o mundo da vida, sem nenhum tipo de sensação, de novo, é recorrer a uma terminologia ruim, equivocada, preconceituosa, nefasta, e completamente inadequada para nós, cegos viventes, para nós, viventes com deficiência visual.

V: O Veja Bem é editado e conta com locuções de profissionais cegos ou com baixa visão. Quer conhecer a rádio da Organização Nacional de Cegos do Brasil e apoiar esse trabalho? É só baixar o app da Rádio ONCB na sua loja Android ou IOS. Para apoiar e conhecer a organização, acesse o site: www.oncb.org.br/doacao

V: Rádio ONCB. ONCB. Todas as vozes em uma só rádio. O som de todas as vozes!

F: E você ouviu o recado da rádio ONCB, que edita esse conteúdo e tem lá o nosso site para você saber as lutas do movimento de cegos no Brasil hoje que não são poucas, luta pela vacina, meu Deus... Entra lá no site, conheça o trabalho... www.oncb.org.br/doacao se quiser contribuir ou só .org.br como foi dito aí na vinheta pra conhecer o trabalho.

Penalidade máxima.

Um julgamento com as lentes exclusivas da visão é socialmente reconhecido como a única saída em alguns casos. Então vamos lá, eu adoro futebol, e já me peguei várias vezes discutindo com amigos sobre a qualidade do jogador A Ou B, outras vezes criticando esquema tático, pedindo a queda do técnico ou a chegada de um outro jogador, uma paixão enorme, não só pelo Sport clube Corinthians Paulista que é meu time de coração, mas por tantos esquadrões aí que a gente acompanhou ao longo da história. Agora, quando o papo é foi pênalti, eu confesso que eu tiro meu time de campo, porque só quem viu vai poder dar uma opinião exata a respeito. Mas vamos combinar: se for pra levar de fato a sério essa coisa de poder avaliar, eu vou pedir licença aqui pra usar uma linguagem futebolística, eu tô impedido pra bater pro gol. Não poderia dizer nada sobre futebol, mas se essa ideia de fato fosse levada a sério, ou seja, se o visual for o único elemento para tratar de alguns assuntos, a gente cai num dilema muito complexo porque, vamos de novo pensar juntos que ele não resolve, se não, não teria as mesas redondas de domingo à noite, e mesmo com o VAR, mesmo com o VAR, tem pênalti que não se consegue dizer ao fim do dia se foi de fato justo marcar ou não. Veja que recorrer à visão como elemento único para alguns assuntos não é um papo só dá bola, não é um papo só sobre futebol. Vamos deixar a bola de lado e falar, por exemplo, sobre as fofocas que tem na firma. Ah, se a gente fosse usar o critério exclusivamente visual ia acabar o papo do cafezinho, porque o que mais se fala, aliás se falava antes da pandemia, é sobre coisas que não foram vistas, né, um comenta e o resto do pessoal pega o caso e segue conversando. então, professor, a provocação é a seguinte: será que podemos afirmar que ver a vida com outros olhos também significa poder opinar ou até julgar determinada situação sem as informações que podem ser captadas pela ótica da visão?

C: Ei, Carlos! Você agora foi longe, hein! Rapaz, o homem tocou a bola, eu me senti o Messi recebendo do Dani Alves na lateral direita do Barcelona em condições de arremate. contra o goleiro do Osasuna, né, já estando 5 a 0. Carlos, a tua proposta de reflexão é maravilhosa, e eu gostaria de levá-la mais adiante. Vamos voltar lá no pênalti.

PODCAST VEJA BEM

Eu, muitas vezes, acompanho! Também adoro futebol! Não sou corintiano como você, felizardo, que nos últimos anos aí ganhou de tudo que é jeito, ganhou de cima abaixo, de baixo pra cima, etc, eu sou torcedor de um time que nos últimos anos não ganha nada, e, portanto, nesses casos, a gente vê quem é que gosta mesmo de futebol ou quem é que gosta de ganhar, né. e aí vamos voltar lá no pênalti.

F: Aliás, só um parênteses, antes de bater pro pênalti ou volta pro pênalti, mas eu ficava encantando e acho que aprendi a gostar mesmo de futebol com aquele time do São Paulo (professor Clóvis é são paulino, muitos sabem), aquele time de 86, eu era um garoto, e meu pai falava "ô Carlinho, você...", Carlinho, lá em casa é Carlinho, "você precisa acompanhar o futebol", porque todo mundo acompanhava, né, "não é porque você não enxerga que não vai acompanhar, precisa acompanhar!" É aquele time, né, com Zé Teodoro, Oscar, Dario Pereira, aquele time do São Paulo com Müller, Careca e Sidnei no ataque, né, Bernardo, Silas e Pita, timaço, né! Teve um pouco com Márcio Araújo, Silas e Pita, Bernardo, Silas e Pita, que foi na minha opinião mais eficaz e também, até o Falcão jogou nesse time, Falcão, Silas e Pita na final do Paulista contra a Portuguesa, acho em 85, com Edu Marangon na Portuguesa e tal...

F: Exatamente...

C: Era um timaço, né, do Selim. Menudos do Morumbi. Vamos lá, o pênalti. Nós temos que encarar um problema difícil aqui. Quantas e quantas vezes você ouve um comentário... Sabe aqueles caras, aqueles antigos árbitros que fazem comentários de arbitragem, né? Quando o calo aperta eles são consultados. foi pênalti ou não foi? Quantas vezes eles dizem o seguinte: "houve o toque mas eu acho que o toque não foi suficiente para derrubar". Tem isso ou não?

F: Exatamente, exatamente!

C: Ora, então o que que ele tá dizendo? Ele tá dizendo simplesmente o seguinte: ele tá dizendo, olha, pra saber se foi pênalti ou não, de verdade, não adianta olhar, porque? Porque pra eu identificar se foi por causa do impulso externo que o jogador caiu ou se foi um impulso interno, simulando a causa de um impulso externo, eu precisaria sentir o impulso ou fazer o impulso. Olhando, eu não consigo saber qual foi a verdadeira causa da queda do jogador, se foi a intervenção do adversário ou se foi uma queda motivada por outra razão que não configuraria pênalti. Ora, o que que nós descobrimos com esse tipo de análise? Que a plena visão, e aí eu poderia falar do conceito de hiper-realidade do Baudrillard, o cara que vai no estádio ele tema realidade que é a realidade captável pela

arquibancada da onde, ele tá, que ele vê uma vez e acabou. Se ele cochilou ou espirrou ele não viu e acabou. Agora, o que é a hiper-realidade da sociedade do espetáculo? É que você vê uma vez, duas vezes, três vezes, quatro vezes, cinco vezes, a câmera aqui, a câmera de baixo, a câmera de cima, do helicóptero, do não sei o que, do não sei que lá, papapapá... então o árbitro não tem a hiper-realidade, o torcedor no estádio não tem a hiper-realidade, mas na televisão nós temos a hiper-realidade. E nem a hiper-realidade dá conta de identificar se a causa da queda foi efetivamente a intervenção faltosa ou não, então eu só posso entender, Carlos, que a maneira mais eficiente de identificar se foi pênalti ou não é a consulta dos próprios atletas. Aí você olha e diz: o senhor ficou doido, porque a consulta dos próprios atletas, eles... então o problema não é um problema filosófico. Eu digo um problema filosófico de sensorialidade, né? Não é um problema de cegueira ou ato, é um problema moral, né? É um problema moral.

F: Aliás... zagueiro dizendo "eu fiz o pênalti", né, e depois foi criticado por conta disso.

C: Teve um caso, aliás, São Paulo e Corinthians...

F: Exatamente, quem foi, eu tô tentando lembrar...

C: ... entre o Rodrigo Caio e o Jô, né?

F: Exatamente.

C: O jogador, se eu não tô enganado, o Rodrigo Caio disse ao juiz que o atleta corintiano não tinha cometido infração e o atleta corintiano que havia recebido até cartão amarelo por conta daquilo teve o seu cartão amarelo retirado e pôde jogar a segunda partida contra o mesmo São Paulo. Se tivéssemos uma confiabilidade moral maior, a questão do pênalti seria resolvida, e não adianta multiplicar câmeras, porque por definição, a causalidade de uma queda ela não é identificável pela visão, dada a dúvida entre a força motriz da queda ser externa ou propriamente interna do próprio vivente que se joga no chão. Então a melhor maneira é a maneira de consultar e o atacante poderia dizer, "olha, no final das contas eu caí porque me desequilibrei; o toque do adversário não seria suficiente para que eu caísse se eu estivesse equilibrado". Ou então ele poderia até dizer "não, eu caí porque eu caí, mas nada tem a ver com a presença do zagueiro, não fosse pra cair eu não teria caído." Ou então ele diria "eu estava de pé, ficaria de pé e só fui ao solo por conta da intervenção do adversário". A partir daí você poderia, através da consulta aos atletas, você poderia identificar, e vou te contar, o juiz poderia ser até cego que ele resolveria melhor a questão do que botando um milhão de câmeras em volta,

PODCAST VEJA BEM

VAR, etc. O problema, portanto, não é um problema de sensorialidade, é um problema moral.

C: Que legal, a gente, nós estamos chegando no final do programa com um convite para você pensar que é possível sim opinar, é possível curtir, seja o futebol, seja o bate-papo no trabalho, seja a novela, com outros sentidos. Quando nós formos falar de arte nós vamos aqui ter a oportunidade de voltar a falar com vocês como que alguns recursos podem contribuir para que pessoas com deficiência tenham acesso a esses conteúdos. Mas agora há o convite pra você que não tem nenhuma deficiência refletir, ao fim desse podcast, sobre como é possível pensar em justiça de maneira mais ampla, sem clichê, sem imaginar que ela vai ser neutra o tempo inteiro ou na outra ponta sem imaginar que somente com o olhar mais atento vai se resolver todo o problema. espero que vocês tenham gostado desse nosso bate-papo. Não deixe de votar se você tiver ouvindo na segunda-feira lá no IBEST, já faz o quarteto, bate pro gol, e quero aproveitar esse episódio que nós falamos de futebol para homenagear tantos locutores de rádio, né, que eu ouvi ao longo da vida e ouço todas as quartas e domingos, que fazem. A gente fala de audiodescrição hoje como um direito, né, mas esses locutores de futebol lá dos anos 80 já faziam com que eu pudesse visualizar o campo de jogo e experimentar emoções muito, muito legais... o domingo, a quarta-feira sempre é diferente, e eu adoro poder discutir lances polêmicos, discutir o futebol, porque é um tempero aí pro bate-papo e pro encontro entre amigos. Valeu, professor, até a próxima!

C: - Querido, grande abraço! Queridos ouvintes, uma alegria imensa, tamo junto, não esquece de fechar aqui, entrar lá no IBEST, votar no Inédita Pamonha e curtir podcast. O ano que vem nós vamos junto com o Veja Bem, e nós vamos com isso divulgar o nosso trabalho o mais longe que a gente conseguir, para que as pessoas possam se entreter e refletir sobre a vida de um outro jeito e com outro olhar. Obrigado, Carlos, até a próxima! Valeu!

Valeu, gente, um abraço!

V: Esse conteúdo foi trazido até você por meio da parceria entre Espaço Ética e Social soluções. Quer saber mais sobre cada um de nós? Visite os nossos sites:

www.espacoetica.com.br

www.socialsolucoes.com